



ENSINO HÍBRIDO: TENDÊNCIA OU NECESSIDADE? VAMOS PENSAR OU AGIR?

Sheilla Silva da Conceição¹

Elaine dos Reis Soeira²

RESUMO:

Neste artigo apresenta-se uma reflexão sobre o ensino híbrido, no contexto das práticas pedagógicas emergentes durante a pandemia da Covid-19. Entendemos a necessária distinção entre educação a distância e ensino remoto, bem como a definição e a caracterização do ensino híbrido, como forma de fomentar questionamentos e debates que favoreçam a compreensão dos diferentes conceitos e as suas implicações, para fundamentar as práticas bem fundamentadas e coerentes. O ensino híbrido engloba um processo de planejamento sistematizado, respeitando as especificidades de estudantes, professores e adequadas aos objetivos educacionais, por isso, para além do modismo ou de uma resposta rápida para atender as demandas do retorno às aulas presenciais, considerando as medidas de distanciamento social, torna-se crucial conhecer como essa metodologia funciona e como deve ser aplicada, evitando distorcer os seus fundamentos e proporcionar experiências de ensino-aprendizagem coerentes com os objetivos de aprendizagem traçados.

Palavras-chave: ensino híbrido; ensino remoto; tecnologias na educação.

HYBRID EDUCATION: TREND OR NEED? WILL WE THINK OR ACT?

ABSTRACT

This article presents a reflection on hybrid teaching, in the context of pedagogical practices emerging during the Covid-19 pandemic. We understand the necessary distinction between

¹ Doutora em Educação (UFS). Professora na SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESPORTE E DA CULTURA (Escola Estadual Jacintho de Figueiredo Martins) e SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ARACAJU (Centro de Aperfeiçoamento e Formação Continuada). Professora da FACULDADE UNIRB/ARACAJU. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Informática e Educação - GEPIED/CNPq/UFS.

² Doutora em Educação (UFS). Professora do Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió. Membro do Grupo de Pesquisa Formação de professores: políticas e práticas (CNPq/IFAL).

distance education and remote teaching, as well as the definition and characterization of hybrid teaching, as a way to foster questioning and debates that favor the understanding of the different concepts and their implications, in order to ground well-founded and coherent practices. Hybrid teaching encompasses a systematized planning process, respecting the specificities of students, teachers and appropriate to the educational objectives, therefore, beyond the fad or a quick answer to meet the demands of the return to face-to-face classes, considering the measures of social distance, it becomes crucial to know how this methodology works and how it should be applied, avoiding distorting its fundamentals and providing teaching-learning experiences consistent with the learning objectives outlined.

Keywords: hybrid teaching; remote teaching; technologies in education.

1. O que estamos fazendo nesse contexto de pandemia? ensino híbrido?

A definição e entendimento acerca do ensino híbrido pressupõe três correntes epistemológicas: uma que considera processos associativos de compreensões dos conhecimentos em sua complexidade. O termo híbrido é defendido por Latour (1994, 2012) como sendo uma associação entre o mundo natural e o social, em que os elementos da natureza e cultura, de humanos e não humanos são inseparáveis. A outra fundamentação baseia-se na definição de “qualquer programa educacional formal, no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio de ensino on-line com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou ritmo”. (HORN; STAKER, 2015, p. 34). E outra que entende os dispositivos intelectuais enquanto “processos metodológicos auto-organizados em etapas construtivas e reflexivas, mediados pelas tecnologias digitais em espaços físicos e virtuais para a construção e compreensão de conhecimentos de forma colaborativa”. (CONCEIÇÃO, 2020, p. 85)

Nesse contexto de pandemia, com respaldo legal e pedagógico para os trabalhos educacionais, por meio da publicação de resoluções e portarias vemos as discussões acerca de Educação a Distância (EaD), ensino remoto emergencial, ensino híbrido e propostas para o ensino e aprendizagem não presenciais.

A EaD é uma modalidade de ensino com características e legislação próprias, que deve ser prevista nos projetos pedagógicos das instituições e dos cursos, não devendo ser

confundida com as atividades pedagógicas desenvolvidas de forma remota durante as medidas de distanciamento social.

Assim, torna-se mais adequado referir-se às atividades não presenciais, para cursos que são originalmente presenciais, com o adjetivo remoto.

O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino Remoto ou Aula Remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 8)

As propostas para o ensino e aprendizagem não presenciais são entendidas como todas as atividades, com bases sejam pedagógicas e metodológicas, quer por meio de tecnologias digitais ou impressas, mas que sejam disponibilizadas para os estudantes nesse momento de distanciamento físico de prevenção à vida nesse momento de pandemia.

Nos últimos anos com a aceleração das transformações e inovações dos recursos tecnológicos e comunicacionais, os dispositivos tecnológicos a exemplo dos *smartphones* vêm tomando novas formas, em inúmeras versões. Os dispositivos de rede sem fio, com suas transferências de dados on-line e interação vêm possibilitando às pessoas capacidades computacionais e comunicacionais, antes impossíveis, para criar redes sociais para fins que mudam as relações humanas entre si e com o espaço e tempo. As tecnologias digitais e as mídias sociais em destaque, o Facebook, WhatsApp e Instagram são utilizadas para agregar, entre outras coisas, conteúdo digital independentemente da localidade.

Essa nova forma de estreitar o diálogo vem provocando mudanças de comportamento na vida das pessoas. O que antes demorava horas para socializar um assunto, hoje em segundos envia-se um texto, uma imagem, uma música, uma informação de uma localidade e espaço. Assim, compreende-se que as diversas redes de comunicação contribuem para modificar a forma de pensar, assimilar, transformar, reinventar o mundo em volta. “As telecomunicações são de fato responsáveis por estender de uma ponta a outra do mundo as possibilidades de contato amigável, transações contratuais, transmissão de saber, trocas de conhecimentos e descoberta pacífica das diferenças” (LÉVY, 2010, p.14).

Nesse contexto cultural, a educação é a esfera que necessita de mudanças capazes de diminuir as desigualdades de compreensão da informação e oportunizar às pessoas a produção de conhecimento. Não basta o acesso, é preciso saber o que fazer com a informação

disponível na rede internet, nos livros e outros materiais disponíveis. Por isso, a importância da formação continuada do professor na problematização e complexificação do conhecimento. Para Freire (1980, p. 81) “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”. Com isso, espera-se que as políticas públicas de acesso e permanência na educação, tanto na modalidade presencial quanto virtual, sejam analisadas de modo a colaborar com os reais processos de inserção das pessoas na vida profissional e pessoal, de modo que tenham reais condições de tornarem-se autônomas e incluídas social e digitalmente.

Durante muitos anos, acreditou-se que as escolas e as instituições de ensino como um todo fossem lugares neutros, distantes das manifestações sociais transformadoras. Atualmente, não se entende que elas sejam consideradas de forma apartada de sua comunidade e da realidade em que está inserida; pois está imersa na cultura, na comunidade, na representação social e política, em contínua interação com o seu contexto. As instituições de ensino, muitas vezes consideradas como um mundo isolado, são: “[...] um dos principais agentes de difusão de inovações sociais porque gerações após gerações de jovens que por ali passam, ali conhecem novas formas de pensamento, administração, atuação e comunicação e se habituariam com elas”. (CASTELLS, 2003, p.380).

A educação não se limita em fazer uma seleção entre os saberes – marcados pela organização de disciplinas, mas por aqueles cujas capacidades de exposição e expectativas refletem características objetivas do mundo social em que vive. Ela deve também, compartilhar para tornar assimiláveis às jovens gerações e reorganizar a prática didática. É preciso examinar as relações entre educação e os fatores externos a ela como contexto econômico e político-administrativos. É nesse contexto cultural que Morin (2015) entende cultura como mediação simbólica complexa e como um sistema metabólico que faz a relação entre existência e saber.

O saber é fruto de uma busca incessante, curiosa e inquieta e existe na invenção e reinvenção que acontece no contato com o outro. Esse processo de mediação cultural vem sendo discutido com bastante fervor entre os grupos que se interessam e preocupam-se com essa abordagem de comunicação social. Se o saber é uma busca incessante de informações, porém com posicionamentos críticos, quem não consegue acompanhar o ritmo dessas apropriações está fora do cenário de uma sociedade desejada.

Essa é a nova geração da sociedade que conversa entre si por intermédio dos aparelhos portáteis com rede sem fio, além de outros assuntos de interesse, sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula como questões que dizem respeito diretamente ao mundo interconectado por meio das tecnologias e mídias. Tal aspecto, faz com que o processo de aprendizagem, segundo Vygotsky (2007), se realize sempre em forma de colaboração com crianças mais experientes ou com adultos, constituindo um caso particular de interação.

A linguagem das mídias digitais, repletas de imagens, movimentos e sons, além de sua velocidade de emissão e recepção, atrai não só aos jovens, mas a todos que nela se insere. A linguagem possibilita a formação de conceitos de objetos reais que constituem na mediação entre sujeito e objeto do conhecimento. Nesse sentido,

O desenvolvimento dos processos que finalmente resultam na formação de conceitos começa na fase mais precoce da infância, mas as funções intelectuais que, numa combinação específica, formam a base psicológica do processo da formação de conceitos amadurece, se configura e se desenvolve somente na puberdade. (VYGOTSKY, 2008, p. 72)

Novos espaços e tempos de aprendizagem estão surgindo e tornando dinâmicos e significativos o ensinar e o aprender. As evoluções socioculturais e tecnológicas geram incessantes mudanças nas organizações e no pensamento humano. Isso exige independência, criatividade e autocrítica na obtenção e na seleção de informações, assim como na construção do conhecimento.

2. Hibridização: um ato reflexivo do professor na atualidade

A ação reflexiva do professor envolve intuição, emoção e não somente um conjunto de técnicas que podem ser ensinadas aos professores, por isso é necessário que o professor reflita relativamente a sua prática, de forma que a reflexão se torne um instrumento de desenvolvimento pessoal e profissional. No entanto, não se pode esquecer que, na preparação do professor reflexivo diante do uso dos recursos tecnológicos é fundamental considerar a integração entre teoria e prática, e qual seu papel como educador nessa situação, assim como qual ou quais metodologias favorecem os conhecimentos colaborativos na atual sociedade em redes digitais.

Assim, a inclusão de alunos e professores nos espaços ciberculturais é uma dinâmica produtiva do conhecimento que se dá com a prática cultural capaz de apropriar-se e apoderar-se de modo autoral, colaborativo e móvel dos novos saberes que permitem

comunicar, produzir, criar juntamente com outras pessoas e compartilhar conteúdos e informações sob os mais diversos formatos de textos, imagens, vídeos, sons, aplicativos, programas, entre outros. Nesses ambientes comunicacionais e interativos, o professor pode promover mudanças paradigmáticas e qualitativas na sua docência e na pragmática da aprendizagem e, assim, reinventar sua prática pedagógica condizente com o momento atual. Isto é, à prática pedagógica são incorporadas mudanças disruptivas que transformarão de maneira profunda o processo ensino-aprendizagem, possibilitando e incorporando as tecnologias digitais de forma crítica, como ferramentas para potencializar os processos de autoria e colaboração entre pares.

Essas novas formas de práticas sociais pervasivas via *e-mail*, *chats*, redes sociais (Facebook, WhatsApp e Instagram), aproximam as pessoas, ocupam o espaço de forma real por meio de organizações pelo espaço virtual e permitem a expressão autônoma lado a lado à emissão e recepção de informações. Nessa aproximação, a operação das redes sociais vem marcando significativamente a fenomenologia social interativa onde pessoas se relacionam independente do tempo e espaço físicos.

O que muda no papel do professor? Muda a relação com o saber defendida como sendo “a relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender” (CHARLOT, 2005, p. 45). Assim como a apropriação do sentido de espaço e tempo comunicacional entre alunos e professores. O espaço de trocas aumenta da sala de aula para outros espaços. O tempo de enviar ou receber informações se amplia para qualquer dia e hora da semana. É um papel que combina alguns momentos do professor convencional, às vezes é importante dar uma bela aula expositiva com mais momentos de gerente de pesquisa, de estimulador de busca, de coordenador de processos e de resultados. É um papel de animação e coordenação muito mais flexível e constante que exige muita atenção, sensibilidade, intuição e apropriação das tecnologias digitais.

Para a implantação dessa proposta com vistas a uma renovação na prática educativa observa-se que a formação do professor passa a ser um aspecto crítico e importante. Para esse processo de formação, é necessário que haja vivências e reflexões acerca do uso das tecnologias digitais e que sejam analisados seus limites e potencialidades, para então trabalhar com elas. (CONCEIÇÃO; SCHNEIDER, 2016, p. 818)

Nessa perspectiva, as dificuldades de acesso e apropriação das tecnologias e mídias sociais para a prática educativa são pontos de reflexão, porém não de desistência em desenvolver projetos que sejam relevantes para a educação. Nos últimos anos esse fenômeno

social vem agrupando um número cada vez maior de pessoas articuladas por redes. Isso vem provocando novas formas de saberes a partir da quebra da linearidade. E as tecnologias digitais em rede e tempo real perfazem campos de acesso, de retransmissão, de recebimento marcados por fatos comunicacionais, de interesse e de desejo enquanto consumidor e cidadão. Essa condição humana de existência se articula no dia-a-dia um fazer em um processo civilizatório irreversível.

As redes sociais são um fenômeno porque criam possibilidades de laços e de aprendizados coletivos. Fala-se hoje de inteligência coletiva como forma de reprodução da criatividade, da inovação. Tudo isso é verdadeiro do ponto de vista dos horizontes que a cibercultura coloca. Contudo, sem perder de vista a inteligência individual, todas as pessoas no ciberespaço podem, potencialmente, contribuir com algum saber para constituição de um conjunto de saberes que, passam a pertencer a todos pelo fato de serem apropriados e transformados.

Considerações Finais

Nessa constituição de coletividades, o ensino híbrido é uma possibilidade de inclusão desde que haja políticas públicas de inserção de tecnologias digitais e de formação continuada de professores, estando inserido no projeto político pedagógico das instituições de ensino. Com isso, as metodologias híbridas, ativas e inventivas, contribuem para atender as necessidades cognitivas de cada pessoa que por sua vez são provenientes de ações coletivas. Assim, se temos modelos mentais diferenciados uns dos outros, é preciso que as ações metodológicas sejam híbridas e realizadas de modo a contemplar os diversos estilos de aprendizagem e aproximando a experiência educativa ao que já vivenciamos no cotidiano, pois ele já opera de forma híbrida, mesclando os universos real e virtual, não numa perspectiva de oposição, mas no *continuum* do transcurso da vida.

Nesse sentido, compreende-se que professores e alunos, juntos e mediados pelas tecnologias digitais podem aprender de forma colaborativa, e que se pode instigar a participação dos alunos com atividades construídas e/ou inventadas, de modo a possibilitar a interação. Inventar é um processo criativo permanente ligado à Inteligência e não de forma separada, ou seja, aprender está diretamente ligada não só a solução de problemas, mas a invenção de problemas.

Quiçá, como lição aprendida desse período contingencial emergido da pandemia do novo coronavírus, possamos acolher de maneira mais abrangente a perspectiva do ensino híbrido como uma estratégia metodológica profícua e exequível, nos diversos níveis e etapas educacionais, capaz de contribuir com os processos de aprendizagem cotidiana na/com as rede. Assim, estarem em direção à compreensão do seu uso como necessidade, não como uma tendência, pois, se visto como tendência, corremos o risco de que seja associado a um modismo para atender a um estado emergencial e toda sua potencialidade se perca com a superação da crise.

Referências

- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação de hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CONCEIÇÃO, Sheilla Silva da. SCHNEIDER, Henrique Nou. WhatsApp na educação superior: uma experiência de aprendizagem colaborativa. In: **Anais do V Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2016)**. Disponível em <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/7004>>. Acesso em: 01 de nov. 2020.
- CONCEIÇÃO, Sheilla Silva da. **Processos híbridos de ensino-aprendizagem: uma análise por meio do dispositivo SSC**. São Cristóvão, SE, 2020. Tese (doutorado em educação), Universidade Federal de Sergipe.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru. São Paulo: Edusc. 2012.
- LÈVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4ª. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- VIGOTSKY, Lev Semyonovitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 2008.
- VIGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente**. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.